E. Bernard ALLO, O. P.

A FALTA DE “ELOQUÊNCIA” E O “ESTILO ORAL” DE SÃO PAULO

Tradução:
Felipe Arnellas Coelho

Sampa
2018

A FALTA DE “ELOQUÊNCIA” E O “ESTILO ORAL” DE SÃO PAULO[1]

Lendo as páginas por onde começa a Primeira Epístola aos Coríntios — e muitas outras depois —, nos perguntamos com certo estupor quem eram esses tais *Graeculi* para os quais São Paulo não tinha eloquência (Ver *II Cor.*, X, 10; XI, 6).

É que as acepções da palavra “eloquência” são variadas e relativas. A moda, os preconceitos, as deformações do gosto em certas escolas, podem fazer predominar acepções artificiais e falsíssimas. Ora, nessa época em que os círculos gregos que se julgavam os mais cultos reservavam ainda sua admiração aos ritmos hábeis e ocos dos retores asiáticos e recusavam-se a suspeitar do poder da “eloquência que zomba da eloquência”[2], o Apóstolo, que certamente não tinha nada em comum — independentemente do que possa ter pensado o gramático BLASS — com esses retóricos[3], devia ser tido, aos olhos deles, por um falador bastante grosseiro, quase semelhante àqueles arengadores de encruzilhada que agitavam ou entretinham o povo com suas “diatribes”; era este um gênero de palavra poderoso, mas que ainda não tinha adquirido direito de cidadania na sociedade culta, antes de ser favorecido por Arriano ou Dião de Prusa.

Paulo estava bem ciente disso, e não se inquietava. Desdenhava “a sabedoria da linguagem” (σοφία λόγου, *I Cor.*, I, 17) e conhecia bastante o poder que Deus dava à sua palavra espontânea. Desde que os simples habitantes de Listra o tomaram por Hermes, o grande intérprete divino (*Atos*, XIV, 12), os êxitos oratórios acompanharam-no ao longo de toda a sua trajetória. Conforme os ambientes e as circunstâncias, ele usara de todos os gêneros, desde o discurso composto de Atenas (*Atos*, XVII) até as instruções e repreensões mais familiares e mais desconexas, e constatara que se pessoas difíceis afetavam desprezá-lo como um σπερμόλογος [*spermólogos*, lit. “recolhedor de grãos” (~ gralha), fig. palrador] (*Atos*, XVII, 18), ninguém no fundo ficava indiferente ao que ele podia dizer; todos, depois de tê-lo escutado, tendiam a se tornar amigos ou inimigos seus.

1. [N. do T. — Fonte desta tradução: E. Bern. ALLO, O. P., *Le défaut d’ « éloquence » et le « style oral » de saint Paul*, in *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, vol. 23, n.º 1 (1934), pp. 29-39; cotejado com o *Excursus I* do seu Comentário a *I Cor.*, do mesmo ano.]

2. [N. do T. — O Autor aplica aqui a S. Paulo uma frase famosa dos *Pensamentos* de PASCAL: “A verdadeira eloquência zomba da eloquência”.]

3. Ver DEISSMANN, *Paulus*, p. 56; K. L. SCHMIDT, Bibl. Warburg, Vorträge 1924-1925, p. 46.

Como o diz ele na Segunda aos Coríntios, ele os forçava a respirar, todos, “o perfume de Cristo”, para uns odor de morte, para outros odor de vida (*II Cor.*, II, 16). Mesmo as intensas variações que seu estado enfermiço introduzia às vezes, sem dúvida, na sua elocução não impediam o Espírito de falar sempre pela sua boca. *Cum infirmior, tunc potens sum* (*II Cor.*, XII, 10) [N. do T. — Na tradução explicativa do Pe. Matos Soares: “porque, quando estou fraco *(quanto às forças da natureza)*, então sou forte *(na graça)*”].

Por isso, é preciso considerar como ironia — ironia de leão — as passagens em que ele parece depreciar a si mesmo como orador. Se ele é ἰδιώτης (não iniciado) nas receitas de eloquência em que excelem os seus brilhantes contraditores (*II Cor.*, XI, 6) — sabemos, aliás, que grande caso faz deles —, é assim que ele quer ser, e sente nisto uma superioridade. Muitos, mesmo São Jerônimo, não entenderam (v. *infra*) essa ironia calculada e mordaz, que está tão ajustada ao tom da polêmica paulina, onde quer que possa ser útil contra o erro. Noutra parte, o Apóstolo relatará como os mesmos adversários afirmam que as suas cartas são fortes, para dizer a verdade, mas que a sua presença corpórea é a de um homem sem energia, e que a sua palavra é nula, sem efeito (ἐξουθενημένος, *II Cor.*, X, 10), ou melhor (por causa do tempo grego), que a ela se pôde subtrair todo efeito. É bem estranho para nós. Trata-se aí, seguramente, de um incidente particular, que sobreveio em meio às perturbações que agitaram, entre as duas Epístolas, a igreja de Corinto. Paulo talvez sofresse então desse abatimento que seu estado corporal lhe causava de tempos em tempos; ou antes, a brandura, a humildade, a reserva que eram unicamente o que ele havia mostrado a princípio, antes de se inteirar perfeitamente da situação, em face de gente arrogante, acostumada a palavras e atos de violência (*II Cor.*, XI, 20s.), tinham-no feito passar, diante desses intrusos que ainda não o conheciam, por homem que não sabe nem responder nem agir — responder e agir como o teriam feito eles —. No momento devido, ele efetivamente saberá desenganá-los; não perdem por esperar, quando ele se mostrar em presença e em ação tal qual é nas suas cartas (*II Cor.*, X, 11), e eles o virem derrubar com um simples gesto de mão todas as orgulhosas fortalezas que ergueram contra a ciência de Deus (*ibid.*, 4). Podemos acreditar na palavra dele.

A eloquência eficaz de Paulo, apesar das suas reservas e das suas ironias, não pode, portanto, ser posta em questão. Ele próprio estava consciente dela — atribuindo, ademais, à graça todo o mérito por ela — e a caracterizava em síntese, por exemplo, quando diz aos gálatas (*Gál.*, III, 1) que delineou diante dos olhos deles (κατ’ ὀφθαλμούς) Jesus

cravado na cruz. Em *I Cor.* (II, 4), ele se recorda de como os seus discursos, por menos retóricos ou didáticos que fossem, constituíam uma "demonstração de Espírito e de poder".

Para formarmos alguma ideia a respeito, só temos de ler as suas cartas, reintegrando-as bem no seu ambiente histórico. Porque em Paulo o estilo escrito (salvo, evidentemente, pela menor abundância dos argumentos e das exortações) não devia diferir quase nada da linguagem falada. Sabemos que ele ditava todas as suas epístolas a um secretário, em meio a transtornos, a preocupações de toda espécie, sem dúvida que às vezes em pleno trabalho manual. Elas não são, pois, literatura, e raramente até mesmo composições de cabeça fresca. Sua característica mais marcante é a espontaneidade. Apenas começara a ditar, Paulo já imagina os seus correspondentes ali presentes diante de seus olhos; ele acompanha os diversos movimentos que os perturbam, a estes se antecipa ou os apazigua, ele os provoca se necessário, como numa discussão apaixonada. Às vezes, pelo contrário, ele faz exposições doutrinais e sintéticas, resume todo um ensinamento, de que eles já conheciam os elementos, em algumas palavras concisas, cada uma das quais deve recordar-lhes um desenvolvimento que ouviram outrora; e, por meio de paralelos inesperados, apenas indicados, eleva a uma unidade sublime verdades que ele ainda não tinha proposto a eles senão em estado de dispersão. Ocorre que o lirismo constante de sua vida interior o entusiasme então, como, por exemplo, quando fala da segurança no amor de Cristo (*Rom.*, VIII, fim), da transcendência da caridade (*I Cor.*, XIII), ou da loucura da Cruz (*I Cor.*, I-II). Ou então, ele se indigna contra a incompreensão de seus filhos (*Gál.*, *II Cor.*), para logo em seguida expandir-se em confidências carinhosas e viris. Nada menos monótono do que esse estilo, nem que mais contenha, habitualmente, o caráter perceptível da improvisação e da inspiração.

É certamente esta a nota dominante. São Paulo não é um "autor" nem um "orador"; é um "homem", qual não é dado encontrar igualmente "homem". Alma repleta de uma vida superabundante, da qual deixa escapar o que convém, na circunstância, aos que escutam e leem.

Mas nem a improvisação mais espontânea impede o Apóstolo de ser sempre senhor de si, e muito consciente de suas aptidões. Podemos, pois, nos perguntar se essa inspiração aos jorros deixava algum espaço para o "procedimento" — e qual. Pondo de parte — se fosse possível — o que o estilo de Paulo tem de absolutamente pessoal e inimitável, reencontram-se nele acaso certos gêneros de elocuções conhecidos por

outra parte, e dos quais ele tenha mais ou menos conscientemente e voluntariamente sofrido a influência?

O contrário seria espantoso. O Apóstolo certamente devia algo, de um lado à sua educação rabínica tão desenvolvida na juventude, de outro lado ao ambiente da pregação popular então florescente, à *diatribé* cínico-estoica que ele pudera conhecer já em Tarso. Estudos gerais mostram o que o liga, quanto à forma, a essas duas correntes de pensamento e de ensino. Os exegetas só diferem de opinião sobre qual foi predominante, e Paulo é, essencialmente, aos olhos de uns (bem mais raros hoje em dia) um rabino, aos olhos de outros um conversador helênico de gênio.

Como a essência da "diatribe" consistia em reduzir tanto quanto possível a palavra pública ao tom da conversação, poderíamos quase dizer que Paulo a teria inventado se já não tivesse encontrado modelos seus. Sem embargo, para a escolha de certas imagens, para certos volteios argumentativos, é possível e natural que ele tenha seguido instintivamente hábitos de discurso popular que correspondiam a seus gostos.

A parte de *semitismo* é mais difícil de demonstrar. Não poderíamos reduzir a ele, pura e simplesmente, o gosto do Apóstolo pelas *antíteses*, que formam uma parte tão grande dos seus desenvolvimentos em paralelismo. É preciso, tal como nota JOHANNES WEISS[4] após NORDEN[5], lembrar-se de que, desde Heráclito, esta figura era muito apreciada no helenismo, e pensar também (J. WEISS) na forma da experiência religiosa de Paulo: a *Vitória* pela *Cruz*. A apocalíptica do judaísmo tardio tinha contribuído muito para generalizar essa tendência entre os israelitas; mas dela encontraremos entre os gregos da mesma época manifestações igualmente notáveis, e que até mesmo — como nos κεφάλαια [capítulos] de Estobeu, por exemplo, sobre a oposição entre as coisas celestes e as terrestres[6] — são mais próximas do estilo de Paulo que o estilo de seus predecessores judeus. Quanto ao frequente desenvolvimento do pensamento por coordenação ("parataxe") em vez de por subordinação regular das ideias, e em vez de por períodos, principalmente, isto pertence à linguagem falada de todos os povos, e não fornece, portanto, indicação de origem étnica; simplesmente convinha ainda melhor aos falantes de línguas semíticas, que não conheciam outro modo. Ademais, Paulo enreda suas frases mais do que qualquer semita.

---

4. *Urchristentum*, pp. 312s.

5. *Die griechische Kunstprosa*, pp. 507s.

6. *Corpus Hermeticum*, Estobeu, I, 41, I. (Citado por Weiss).

Sabemos que o hebraico e o aramaico não deixaram muitos vestígios indubitáveis nem no vocabulário nem na gramática dele, e o pouco que aí se descobre deve-se à influência da Bíblia grega, de que a sua memória estava repleta. Onde sua formação semítica se tornaria especificamente perceptível seria, em nosso parecer, primeiramente nalgumas passagens dialéticas, nalgumas formas de utilizar a Escritura em que reaparece o discípulo de Gamaliel, e depois na tendência que São Paulo tem, nos momentos em que está mais comovido, em que sua mente e seu coração estão excitados pelo entusiasmo e mais livres dos cuidados da argumentação e da controvérsia, de revestir as suas efusões duma forma lírica governada pelo paralelismo caro à sua raça; encontramos exemplos disso na *I Cor.*, capítulos XIII, XV, e alhures. Ele então entoa espécies de cânticos, e correntemente se fala no seu *hino à Caridade* (cap. XIII). Algumas vezes seria possível que esses trechos, cuja forma é tão admirável quanto o conteúdo, tenham sido longamente meditados, e compostos de antemão nas horas recolhidas. Todavia não cremos que isto se deva pôr como regra; porque o "Hino à Caridade", entre outros, está tão adaptado nos seus pormenores aos preceitos e repreensões especiais que a situação de Corinto exigia, que, malgrado sua universalidade, não tem em absoluto ares de um trecho que caiba em qualquer situação, mas parece realmente ditado pelas circunstâncias particulares. Não é unicamente entre os semitas, aliás, que a inspiração lírica brota espontânea das grandes emoções; mas é entre eles, e os povos de "estilo oral", que ela se reveste por si mesma das formas do paralelismo. Por onde, Paulo está realmente ligado aos grandes escritores de sua raça.

Mas ele continua sendo Paulo, o tarsense culto, que pensa certamente em grego tão amiúde quanto em aramaico, especialmente quando tem de falar para gregos, mas igualmente, julgamos, nas suas meditações íntimas. Acabamos de escrever esta expressão "*estilo oral*", cuja voga se deve ao Pe. JOUSSE, e não negamos que Saulo, como os outros letrados judeus, tenha se adaptado a ele nos estudos escriturísticos e rabínicos da sua adolescência[7]. Mas o rabinismo nada mais fora que uma parte de sua formação, e não a que se mostra mais frequentemente nas suas cartas — nem, sem dúvida, a que mais se mostrava nos seus discursos. O estilo oratório de Paulo não se assemelha de forma alguma, no seu conjunto e na sua marcha habitual, a uma sucessão de "recitativos", como tampouco a "traduções-decalques". Consideramos uma — como dizer? —

7. Cfr. M. JOUSSE, *Le style oral rythmique et mnémotechnique chez les verbo-moteurs*, nos *Arch. de Philosophie*, vol. II, caderno IV, 1925, pp. 71, 87, etc.

enormidade a empresa de alguns autores recentes que procuram recortar em “recitações cultuais”[8], com sua regularidade que as torna fáceis de reter, as exposições tão carregadas e tão concisas da doutrina dele, as suas discussões, em que os pensamentos se empurram e, por assim dizer, se acotovelam, em que os esclarecimentos, os parênteses, os anacolutos, as alusões obscuras para nós, os subentendidos, os saltos de pensamento, o afluxo de realidades concretas, complexas, nuançadas, tão pouco se assemelham à limpidez do “estilo oral”, tal como este é entendido em sentido técnico: com esses equilíbrios de imagens que, em geral, mais não fazem que engrandecer, revestindo-o de palavras variadas, durante todo o tempo que durar o fôlego do “recitador”, um pensamento que teria podido se exprimir em duas linhas. Não queremos, por certo, depreciar o “estilo oral” e declará-lo indigno de Paulo, porque Cristo julgou-o digno de Si, e, em desenvolvimentos tais como os do “Sermão da Montanha”, levou-o ao mais alto grau de simplicidade — de uma sobriedade expressiva que não lhe era ordinária —, de perfeição e de efeito penetrante. Mas eu diria… que era preciso ser Deus para fazer dele algo assim. Nas cidades helenistas evangelizadas por São Paulo, os auditórios não eram os da Galileia. Estavam habituados aos retores, à “diatribe”, e também à leitura privada e ao “estilo escrito”. O “estilo oral” de Jousse floresce nas sociedades que leem pouco ou nada, que permaneceram primitivas pela natureza de suas ocupações, e onde os longos intervalos de tempo livre permitem revolver, nas arengas, não ideias analíticas e abstratas, mas uma multidão de palavras hábeis buscadas por si mesmas, pela variedade e o imprevisto de suas aplicações, e que possam, se necessário, ser retomadas em coro. Será o velho bispo de Qouss, que Maomé admirava tanto, declamando do alto de seu camelo, no meio dos mercados árabes, seus lugares comuns sonoros sobre a instabilidade das coisas humanas; será o próprio Maomé (que talvez não soubesse ler) repisando sem provar, sem discutir, em estado de transe por vezes, os seus versículos de ameaça aos incrédulos ou as suas exortações à confiança no Clemente e no Misericordioso; muitas vezes, a abundância da expressão não tem igual, então, senão na pobreza ou, ao menos, na extrema simplicidade da ideia. Há também, de fato, as escolas de rabinos, que, por tradição, aplicavam esse método primitivo à sua casuística; mas não passa de enumeração de opiniões, repetições, jogos e combinações de palavras; a argumentação propriamente dita não abunda aí. Falar-nos-ão até mesmo dos rapsodos de Homero, com suas

---

8. Não surpreende nem um pouco que Paul-Louis Couchoud, com aquele seu faro admirado, tenha se lançado nessa teoria.

incansáveis repetições de tríades de doze ou quinze hexâmetros; "*Quandoque bonus…*". O que é que esses procederes têm em comum com a profundidade sutil dos argumentos de Paulo, e com seus métodos que não se tornam ocasionalmente obscuros e caóticos senão por excesso de pensamento e entusiasmo concentrado não sobre as palavras, mas sobre as coisas? Procurar nele um "simples", um "primitivo", uma espécie de beduíno — quando muito, de rabino —, exaltado pelo gênio e pela fé, é não compreender nem a primeira palavra sobre esta personalidade tão culta — capaz de seduzir os professores de Atenas e o rei Agripa.

Tudo considerado, Paulo não é senão Paulo; seu estilo e sua eloquência não podem ser reduzidos, nem de longe, aos procederes dos retóricos mais ou menos clássicos nem aos dos "verbo-motores". Permanecem, apesar dos defeitos resultantes da negligência na forma e da precipitação ocasional no ditado, tão atuais, na sua ordem, para ocidentais modernos como para os orientais de dois mil anos atrás. Paulo não envelheceu, e ele não é "exótico". Esse privilégio se deve, sem dúvida alguma, ao Espírito Santo antes de tudo, depois à universalidade do gênio do Apóstolo, mas também ao seu estilo direto, desprendido mais que qualquer outro de todas as passageiras convenções literárias ou retóricas. Ele é, humanamente falando, da categoria dos independentes, como Epitecto. Não dá para classificá-lo; mas, se fosse preciso relacioná-lo a todo custo com uma classe de escritores-oradores, é ainda entre ele e os instrutores populares gregos de sua época que encontraríamos menos dissemelhanças de forma; as passagens "rabínicas" ressaem do conjunto da obra.

Por isso, parece-nos despropositado falar com JOUSSE em "traduções-decalques", ou qualquer coisa parecida, feitas por algum "meturgeman"[9], Tito ou um outro, e "algumas vezes quem sabe também o próprio Paulo", de um original de frases aramaicas que Paulo teria tido em mente. Nada indica que ele tenha pensado de outro modo que não em grego quando falava grego. Tudo o que se lê ainda, em certos críticos, do "volteio hebraico" do pensamento paulino é legado de uma época em que ainda não se conhecia o grego a não ser pelos seus clássicos e pela sua literatura de aparato. Paulo falava grego — à parte o seu talento — como todo mundo ao seu redor, e desde o tempo de sua infância na Cilícia. Não faltou quem se equivocasse a este respeito, desde a antiguidade.

---

9. [N. do T. — Tradutor que vertia livremente em vernáculo o texto sacro hebraico à medida que era lido durante o culto sinagogal; as paráfrases resultantes, em aramaico, são chamadas de *targum*, mas o verbo respectivo designa versões para qualquer língua, a começar pelo grego.]

No século IV, quando, sob a influência da educação retórica latina, já não se compreendia que um grande escritor pudesse se exprimir de outro modo que não segundo uma arte convencional e escolar, autores tão grandes quanto São Jerônimo puderam cair nesse erro. Jousse não deixa de citar com complacência o ilustre exegeta; mas é um apoio frágil, no caso presente. Jerônimo, com efeito, comenta assim[10] *II Cor.*, II, 13 e VI, 6, a passagem em que Paulo diz que, tendo chegado em Trôade, não teve repouso, por causa da ausência de Tito:

Quae autem fuit tanta consolatio et quae requies spiritui in praesentia Titi, quem quia non invenit, valefaciens eis, profectus est in Macedoniam? Aliquoties diximus Apostolum Paulum virum fuisse doctissimum, et eruditum ad pedes Gamalielis… Cumque haberet scientiam sanctarum Scripturarum, et sermonis diversarumque linguarum gratiam possideret, divinorum sensuum majestatem digno non poterat graeci eloquii explicare sermone. *Habebat ergo* Titum interpretem, *sicut et beatus Petrus Marcum, cujus Evangelium, Petro narrante et illo scribente, compositum est. Ergo et Paulus Apostolus contristatur quia* praedicationis *suae in praesentiarum* fistulam organumque per quod Christo caneret, *non invenerat*.

[N. do T. — Tradução livre: “Mas que grande consolação e que paz de espírito havia na presença de Tito, em virtude de cuja ausência ele [S. Paulo] se despediu e partiu para a Macedônia? Em várias ocasiões já dissemos que o apóstolo Paulo era um homem doutíssimo, instruído aos pés de Gamaliel… Ora, se bem que ele tinha a ciência das Sagradas Escrituras e o dom de falar diversas línguas, ele *não era capaz de expor* a majestade das noções divinas *num discurso digno da eloquência grega*. Por isso, ele tinha *como intérprete Tito*, tal como São Pedro tinha Marcos, cujo Evangelho foi composto tendo Pedro como narrador e Marcos como escritor. Daí estar triste o apóstolo Paulo, por não ter encontrado naquele momento *a garganta para a sua pregação e o instrumento através do qual ele canta a respeito de Cristo*.”]

Está aí uma interpretação subjetiva e errônea, que provém do fato de Jerônimo não ter escrutado as relações do Apóstolo com a igreja de Corinto e a função inteiramente especial e temporária que Tito tivera de desempenhar para reconciliar Paulo e seus fiéis.[11] Ele tardava em retornar

10. Ep. CXX, *ad Hedibiam*, P. L., 22, col. 1001-1002.

11. [N. do T. — Num seu opúsculo de vulgarização sobre a vida e a doutrina do Apóstolo, contendo em apêndice “um resumo cronológico da vida de Paulo e de sua correspondência, segundo as Epístolas, os Atos e algumas notícias tradicionais”, eis como o ilustre exegeta sintetiza esses acontecimentos: “São Paulo não pôde voltar tão logo a Corinto como tinha anunciado [na *I Cor.*], o que provocou murmúrios. Além disso, haviam se introduzido nessa igreja pregadores judaizantes que, mascarando sua propaganda sob ares de misticismo superior, com uma retórica requintada, queriam acima de tudo atiçar desconfianças contra o Apóstolo e arruinar a sua autoridade de Pai, a despeito de ele estar em perfeita conformidade com os Doze. Paulo, tendo informação disso, deixa Éfeso por um tempo, para estudar a situação no local; mas não se atarda, e retorna à Ásia com

de sua missão, e era isso o que enchia de preocupação o Apóstolo e o impedia — no seu afã de reencontrar seu mensageiro e ter notícias — de ficar pregando em Trôade. Não é de maneira alguma que ele tivesse necessidade desse "intérprete" para bem explicar aos gregos a palavra de Deus; não o tinha ao seu lado, tampouco, um pouco mais tarde, nos primeiros tempos de sua estada na Macedônia, e contudo é a esta data que cumpre atribuir os êxitos de pregação cuja lembrança dita os acentos triunfantes que ouvimos já (*II Cor.*, II, 14-16), sobre "o perfume de Cristo" que ele possui o segredo de difundir. Ademais, São Jerônimo não pôde querer comparar senão muito aproximadamente as relações respectivas de Paulo e Marcos de um lado, de Paulo e Tito de outro; ninguém jamais pensou que São Pedro soubesse grego tão bem quanto São Paulo. Podemos conceder que Tito foi mais de uma vez, notadamente em Corinto, "intérprete" de Paulo, mas intérprete de suas *intenções*, como mensageiro "diplomático", poderíamos dizer, e não como "tradutor" de sua linguagem aramaica em grego. Não se vê, de resto, que Tito tenha alguma vez servido como secretário de Paulo quando este ditava suas epístolas, e há plena certeza de que muitas das mais belas páginas delas, por exemplo *II Cor.*, X-XIII, foram ditadas quando ele, Tito, não estava ali.

Esse mito natimorto de "traduções-decalque", que faziam passar o pretenso aramaico de Paulo para o grego de Tito ou de seja quem for, é inconciliável com tudo o que sabemos do estilo de Paulo, pela história e pela filologia. J. WEISS, um dos críticos que falaram do estilo paulino com mais senso e gosto, concede até em demasia, em nosso parecer, quando admitiria que secretários como Timóteo ou Silvano possam ter tido uma parte — muito secundária — na variedade de elocução das cartas do Apóstolo. Este atribuía muito valor à propriedade de cada um dos seus termos para deixar que fossem inventados ou retocados por um secretário. São Jerônimo, de resto — malgrado sua infeliz comparação com Pedro e Marcos —, não propõe em parte alguma que Paulo tenha confiado

---

impressões muito heteróclitas; de resto, prometeu aos coríntios fazer, dentro em pouco, uma longa estadia com eles. Essa breve visita não acalma nada, muito ao contrário. Dentre seus adversários, que, encorajados por sua moderação, por eles chamada de timidez, agrupam em torno de si todos os libertinos e os descontentes, alguém assume a audácia de insultar publicamente a autoridade do Apóstolo. Paulo, que recebe notícia disso em Éfeso, fica então indignado; escreve (sempre de Éfeso) uma terceira carta, que se perdeu. Envia à sua frente Tito, para exigir reparação oficial e restabelecer a ordem. Em seguida deixa Éfeso; quase morre de suas febres, e, finalmente, mudando outra vez o itinerário anunciado, parte não para Corinto, mas para a Macedônia, onde reencontra Tito, que lhe informa que a reparação foi feita de bom coração pela igreja [de Corinto] reunida. Então, de alguma cidade da Macedônia, ele envia (meados de 57) a sua *Segunda Epístola* (canônica) *aos Coríntios*." (E. B. ALLO, O.P., *Paul, apôtre de Jésus-Christ : sa vie, sa doctrine*, Éditions du Cerf, Paris 1942, p. 157, 168-169).]

a redação de todas as suas cartas ou de parte delas a algum secretário — como Pedro, ele julga, confiou a [redação] de seus escritos a Marcos, a um certo Glaucias ou a outros. Noutra epístola[12], ele diz realmente, a respeito das dificuldades de elocução de *Col.*, II, 18-19, que Paulo às vezes se achava embaraçado para dar uma expressão aos seus pensamentos profundos, e que era sincero na sua modéstia em se declarar *imperitus sermone* [imperito na palavra] (*II Cor.*, XI, 6); depois, que esse embaraço devia se apresentar menos na sua própria língua ancestral (*… sermone. Quem cum in vernacula lingua haberet disertissimum, quippe Hebraeus ex Hebraeis, et eruditus ad pedes Gamalielis…*) [N. do T. — Tradução livre: "…na palavra. O qual, sendo na sua língua materna muito eloquente, porque era hebreu nascido de hebreus, e tinha sido instruído aos pés de Gamaliel…"] do que em língua grega, *muito embora ele fosse também nesta muito perito* (*Si autem in* graeca lingua *hoc ei accidit, quam* nutritus in Tarso Ciliciae a parva aetate imbiberat, *quid de Latinis dicendum est*, etc.); [N. do T. — Tradução livre: "E se isto lhe acontece na *língua grega*, que ele, *nutrido desde pequeno em Tarso da Cilícia, havia aprendido*, que dizer dos latinos…?"] mas ele não diz de modo algum que Paulo tenha pensado em recorrer então ao auxílio de um tradutor. A verdadeira razão do fato que ele assinala não é um uso menos perfeito da língua helênica, mas aquela que ele próprio parece exprimir mais acima: *Profundos enim et reconditos sensus* (do Espírito) *lingua* (a língua humana em geral) *non explicat*. [N. do T. — Tradução livre: "Porque a língua *(a língua humana em geral)* não exprime os sentidos profundos e recônditos *(do Espírito)*."]

Logo, é realmente Paulo em pessoa, Paulo somente e diretamente, que se revela a nós no grego de suas epístolas. Ele foi grande orador e grande escritor em *grego* — mais do que teria sido, talvez, em aramaico. Ele provoca, por essa razão exterior, a admiração dos melhores especialistas em helenismo. NORDEN[13] equipara-o, pela elevação da dicção em passagens como *Rom.*, VIII ou o fim da *II Cor.*, a Platão no *Fedro* — o termo de comparação é bem afastado, mas para Norden é o apogeu.

Nunca será demais citar, principalmente, contra as opiniões atrasadas que vestem Paulo de rabino sentindo-se semiestrangeiro em face dos helenos, a apreciação do grande filólogo clássico que foi WILAMOWITZ[14]:

"Certamente o helenismo é uma condição pré-requerida para ele (para a atividade literária de Paulo); ele lê somente a Bíblia grega[15],

---

12. *Ad Algasiam*, CXXI, P. L., 22, col. 1029s.

13. *Die griechische Kunstprosa*, p. 509.

14. Em *Kultur der Gegenwart*, I, 8^2, p. 159. — O sublinhado é nosso.

15. Muito duvidoso; Paulo parece conhecer muito bem o original.

assim, *ele pensa igualmente em grego*. Certamente ele executa sem saber o testamento de Alexandre, levando o Evangelho aos helenos; contudo ele é talhado de um material totalmente diferente, ele é judeu, como Jesus é um judeu. Mas que esse judeu, esse cristão, *pense e escreva em grego*, para todo mundo e particularmente para os irmãos que ele interpela, que esse grego nada tenha em comum com qualquer escola, qualquer modelo, mas… brote diretamente do coração, e no entanto seja *grego autêntico* (*não aramaico traduzido* como são as sentenças de Jesus), isso faz dele *um clássico do helenismo*. Enfim, enfim! Eis que reaparece alguém que discorre em grego do âmago de uma experiência viva, forte, íntima, que é a sua fé… É em substituição de sua ação pessoal que ele escreve as suas cartas; esse estilo epistolar é Paulo, ninguém além de Paulo; não é correspondência privada, não é literatura, é uma coisa intermediária, inimitável…"

É mister que nos cinjamos a este juízo tão qualificado, e estejamos convictos de que Paulo era muito eloquente, sem nenhuma necessidade de intermediário, para todos os gregos a quem as prevenções ou a retórica pedante não haviam falseado o juízo e o gosto. É, de resto, trabalho baldado querer reduzir essa eloquência a um gênero que se ensine, não obstante algumas relações inegáveis com os profetas ou com os casuístas judeus, e máxime com a "diatribe" grega. Quanto aos procederes *técnicos* do "estilo oral" dos semitas, ou à "recitação cultual", certamente não devem ser considerados. Eu não conheceria divagação de escola, extravagância de professor, tão artificial quanto a pretensão de forçar dentro de quadros simétricos um pensamento como o de Paulo, tão desdenhoso da σοφία λόγου ["sabedoria da linguagem"], tão individual, tão apaixonado, arrebatado por um sopro tão veemente de gênio e do Espírito.

Friburgo (Suíça). E. Bern. ALLO, O. P.